

TV E VÍDEO: UMA POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO DE REGIÃO

TV AND VIDEO: A POSSIBILITY TO DISCUSS THE CONCEPT OF REGION

Glória da Anunciação Alves¹

RESUMO: O artigo procura discutir como o conceito de região poderia ser trabalhado no ensino fundamental e médio, utilizando-se, além dos trabalhos e textos geográficos existentes, o vídeo com o episódio “*A coroa do imperador*” da série Cidade dos Homens, exibido pela Rede Globo de televisão.

Palavras-chave: região – ensino – cotidiano – geografia – tv – vídeo.

ABSTRACT: The article is intended to discuss how students might work with the concept of region in elementary, junior high and high schools, using, besides the existing geographical works and texts, the video “*A coroa do imperador*” (The emperor’s crown) from the series Cidade dos Homens (City of Men), broadcasted on TV by Rede Globo.

Key-words: region – education – daily life – geography – tv – video.

Quando se discute região no ensino fundamental e médio, tomando como exemplo a questão brasileira, em geral trabalha-se com a noção de região como algo único, quase que em uma visão Lablachinana, em que região e paisagem se confundem. A região aparece como lugar único, ainda que suas características façam parte da inter-relação entre variados elementos, tanto físicos quanto humanos (CORRÊA, 1987). Essa “região”

¹ Professora doutora do Departamento de Geografia –USP, e-mail: gaalves@usp.br

tinha características específicas quanto ao clima, relevo, vegetação, solos, tipo humano e atividades econômicas existentes. Quando aqui destacamos a idéia de unicidade é porque essa região era, em geral, trabalhada por si mesma, isto é, sem destacar as relações entre esse “único” e o geral ou com outros lugares particulares. Assim estudava-se o Nordeste, o Sudeste, o Sul, o Centro-Oeste, o Norte independentes, ou seja, sem analisar e verificar a existência dessas “regiões” em um todo que pode ser nacional e/ou global.

Partiremos aqui da premissa de que a região é e deve ser entendida a partir de suas articulações com as outras regiões, tanto a nacional, pela discussão do processo de regionalização do espaço brasileiro, como com as externas, que também foram e são importantes nesse processo nacional. Assim, o conceito de região se fundamenta na “especificidade de reprodução do capital, nas formas que o processo de acumulação assume, na estrutura de classe peculiar a essas formas e, portanto, também nas formas de luta de classes e do conflito social em escala mais geral” (OLIVEIRA, 1981, p. 27).

Quando destacamos a necessidade de compreender a região a partir do processo de regionalização do espaço brasileiro, estamos enfocando, essencialmente, como esse lugar particularizado, e não mais único, a região, insere-se em um processo que hoje busca uma homogeneização do espaço nacional, no qual já há a necessidade do fortalecimento do padrão de interdependência entre as regiões.

Essa interdependência, ao invés de promover um desenvolvimento mais equilibrado entre as regiões, tende a concentrar e centralizar o capital em pontos específicos do território. Deste modo, a busca da “homogeneização” reforça a hierarquia existente entre as regiões, bem como a manutenção do chamado desenvolvimento geograficamente desigual (SOJA, 1993), mas fundamental para a reprodução de todo o sistema capitalista existente.

Neste sentido, como discutir a região no ensino? Como estabelecer uma ligação entre a discussão feita nas Universidades e o que se ensina, sabendo-se dos problemas cotidianos existentes na escola pública e da

necessidade de se estabelecer subsídios teóricos e didáticos aos professores nessa tarefa?

A proposta aqui será de como o uso de um determinado programa, produzido e veiculado na tv aberta, em uma das emissoras mais assistidas no país, pode auxiliar ao professor nesse debate.

Na esteira do filme *Cidade de Deus* (MEIRELES, 2002), a rede Globo de televisão exibiu uma série intitulada *Cidade dos Homens*, de quatro episódios, com cerca de 30 minutos cada. Dois deles, “A coroa do imperador e Correio”, em especial podem ser trabalhados ricamente pelos professores de Geografia. Aqui, como o propósito é discutir região e sua articulação interna e externa com país e o mundo, deteremos-nos no episódio “A coroa do imperador”.

Inicialmente devemos esclarecer que o vídeo aqui não se coloca no lugar do texto utilizado pelos professores na sala de aula. Este deve continuar sendo utilizado². Aliado a ele, o vídeo poderia servir para discussão de outras concepções ou reforçar as já trabalhadas pelo professor em sala, além de possibilitar o estabelecimento de relações entre vídeo e produção escrita existente (SILVA, 2002).

Com relação à parte técnica, seria importante que a exibição ocorresse de forma adequada, isto é, com bom som, boa visibilidade, em ambiente que permitisse aos alunos ver e ouvir, ou seja, assistir a um produto áudio-visual com qualidade, de forma a minimamente garantir condições físicas adequadas à exibição e à atenção.

Quanto aos procedimentos de exibição, o ideal é que os alunos vejam primeiramente o episódio como um todo, para depois discuti-lo, preferencialmente sem a exposição prévia das intenções do professor, pois nesse último caso já teríamos um direcionamento do olhar. Os alunos devem, prioritariamente, se expressarem livremente, para que só após isso, o professor possa, a partir dos depoimentos orais e ou escritos,

² Preferencialmente o professor poderia elaborar um texto próprio a partir dos autores citados na bibliografia, ou mesmo utilizar do texto de sua preferência (do livro didático a montagens de textos).

encaminhar a discussão. Como se trata de um produto com cerca de 30 minutos, há a possibilidade de sua exibição e registro, individual ou em grupos, do primeiro entendimento que tiveram do vídeo.

Em um segundo momento, aí sim, o professor iniciaria uma discussão sobre o mesmo, pontuando as questões que ele se propõe a discutir: região e a relação que se estabelece entre os lugares, demonstrando que estes, ainda que particularizados, se integram a um todo e a um mundo por meio de suas parcelas. Ao final dessa discussão seria fundamental que o professor obtivesse outro registro dos alunos, talvez uma redação, para que o professor pudesse verificar como os alunos registraram e expressaram seu entendimento da questão, além de servir para avaliação do próprio trabalho do professor.

Como encaminhar a discussão? Vejamos algumas possibilidades apresentadas pelo episódio e que podem ser trabalhadas pelo professor. Em "A Coroa do Imperador" há a demonstração do espaço da cidade do Rio de Janeiro-região que será por nós aqui analisada, que é retratada de forma fragmentária, aparentemente uma seqüência de espaços particulares: a favela, a escola e o bairro de classe média. As cenas desses lugares permitem uma análise da paisagem particular e que para muitos se independentizam; existem sem a necessidade do outro, como se estivéssemos falando de várias cidades em uma mesma cidade. Veremos que não se trata disso. O entendimento da existência de várias cidades em uma única tem em sua raiz a idéia de que a cidade deve ser entendida de modo homogêneo, ou melhor, por sua homogeneidade. Nesse sentido teríamos sim várias cidades dentro da cidade do Rio de Janeiro.

Mas a cidade se realiza por suas próprias contradições. Os espaços que aparentemente se independentizam, fazem parte de um todo que, em sua essência, é contraditório e, que ao mesmo tempo, promove a integração e se realiza pelas diferenças. Assim, a cidade não deve ser compreendida pelas parcelas de espaços homogêneos, mas pela própria heterogeneidade que se manifesta pela espacialidade das desigualdades sociais. Como nos diz Carlos (1992, p. 77) "as contradições sociais emergem, na paisagem, em toda sua plenitude, os contrastes e as desigualdades de renda afloram".

O recurso de análise da paisagem, mesmo que com o recorte dado no vídeo, possibilita a exploração pelo geógrafo dos lugares pela observação e detalhamento de ângulos que vão além do possibilitado pelas cartas e croquis. Para Lacoste “a paisagem é... uma vista (ou uma representação) tridimensional de uma porção do espaço terrestre na qual a proporção e a disposição das extensões ocultas dependem, por um lado, das formas de relevos e da vegetação e, de outro, da localização (particularmente a altitude) do ponto de observação”. A paisagem seria diferente da carta e/ou croqui por possibilitar, dependendo do ângulo do observador, o desvendamento dos chamados espaços ocultos. Para quem observa uma paisagem do chão, na horizontal, há elementos que só podem ser observados quando se muda de posição. O exemplo dado por Lacoste é interessante nesse aspecto: “Em uma paisagem, diante de uma colina, por exemplo, não se pode ver as duas vertentes, uma é necessariamente oculta atrás da outra. Sendo assim, quando o ponto de observação muda, a paisagem também muda, uma vez que não são mais as mesmas porções do espaço que estão ocultas”. O olhar vertical, dado ou expresso nas cartas “achata” a paisagem, não podendo fazer a observação dos espaços que se “escondem”, que não são visíveis de alguns ângulos.

Mesmo sabendo que o episódio analisado nada mais apresenta do que uma série de imagens selecionadas pela direção do mesmo e, que, portanto, já estão carregadas de intencionalidade e, nesse sentido, muito próximas de um olhar sobre uma carta, procuraremos analisar as “paisagens” que são exibidas no vídeo em questão, por revelarem aspectos da vida cotidiana, já alertados que também aqui se trata de uma construção de imagens e, logo, que não são o “real”.

Na favela, as imagens veiculadas no episódio em questão mostram os lugares públicos do morro: vielas estreitas, o trânsito de pedestres/moradores por essas vielas, casas coladas umas as outras, esgoto a céu aberto no qual ratos habitam. Aliado a essas imagens há um discurso, proferido pelo personagem adolescente, nos primeiros cinco minutos de exibição sobre a vida naquele lugar.

Podemos dizer que vivemos hoje sob o domínio das imagens. Pelo menos as imagens exibidas pela televisão são mostradas em uma

velocidade tão acelerada (muito lembrando os vídeos-clips) que pouco podemos delas apreender. Nesse contexto a palavra, mesmo quando proferida, perde muito de sua força explicativa. Muitas vezes, pelo próprio excesso de velocidade e quantidade de imagens apresentadas, mesmo quando associado a imagem há um discurso, este último nem sempre tem relação com o que está sendo exibido e pior, muitos dos espectadores sequer se apercebem disto, fazendo com que muito do que é apresentado na mídia não seja necessariamente compreendido, e aparentemente nem precise disso. Em face desse problema imagem/discurso, podemos chamar a atenção para os destaques dados pelo personagem Acerola em sua fala, que está associada a uma série de imagens: o convívio entre os moradores da favela, o conhecimento do lugar e a segurança. Há quase uma apologia da vida na favela elaborada pela comparação com o outro lugar: a vida em edifício de bairro de classe média.

Nesse quadro em particular são mostradas cenas do lugar onde trabalha a mãe de Acerola: um edifício de classe média em um bairro na cidade do Rio de Janeiro; e cenas do cotidiano de uma favela na mesma cidade. Há a exibição de cenas dos dois lugares que são associadas a um relato do personagem Acerola que os compara.

Em sua comparação destaca a complicada vida de insegurança dos bairros de melhor poder aquisitivo, cuja imagem que se associa a sua fala é a das câmeras de vigilância e as grades que lembram uma prisão; por outro lado, o mesmo Acerola ao falar da favela destaca em seu discurso, que se associa as imagens, as idéias de convívio e colaboração entre os moradores da favela. Entretanto essas mesmas imagens da favela revelam uma outra face por ele não explorada em sua descrição oral: o predomínio da situação de pobreza e falta de qualidade (infra-estrutura de habitação) de vida material.

O bairro de classe média é descrito a partir do privado, e não do público como acontece na descrição da favela: é o interior de um prédio de apartamentos em um bairro, que não é subúrbio que é focalizado. Nesse prédio, destacam-se as imagens das áreas de uso comum onde as câmeras de vigilância, as grades, o porteiro, são um retrato da insegurança vivida cotidianamente na cidade.

O outro lugar focalizado é uma escola pública do Rio de Janeiro, um CIEP, em que alunos assistem a uma aula de história. Na sala de aula, a professora utiliza-se de projeção de slides para explicar sobre a vinda da família real portuguesa ao Brasil no século XIX. Nesse tocante, chama a atenção alguns aspectos educacionais, que infelizmente são colocados no episódio como se fossem os mais comuns (lembrando que não se pode generalizar essa imagem que distorce muito do trabalho feito por professores em sala de aula): os alunos fazem questões, aproximando o assunto da aula com o cotidiano, e como resposta obtêm que o questionado nada tem a ver com o conteúdo ministrado, ainda que tivesse. Ao final da exibição dos slides a professora chama a atenção para a possibilidade de um “passeio” a Petrópolis (ao museu) para ver a “coroa”, e que isso teria um custo de seis reais e cinquenta centavos.

Talvez não tenha sido essa a intenção, mas a idéia e termos utilizados reproduzem muito do que se entende, no senso comum, por estudo dirigido, visita orientada, trabalho de campo, estudo do meio. Não deveria se tratar de um “passeio”, já que essa palavra está carregada do sentido de entretenimento, lazer, quase em oposição à noção de trabalho, estudo. Não que um trabalho de campo, uma visita orientada, não tenha também esse aspecto; contém, mas o ultrapassa. Além do prazer deveria garantir o ensino, a crítica, o questionamento, ou seja, promover a aprendizagem. O outro aspecto é o uso recorrente feito à palavra coroa. A visita tinha como objetivo efetivamente ver um símbolo do poder, a coroa imperial, mas durante toda a discussão feita em aula percebe-se que para os alunos a coroa é uma coroa e não representação do poder.

De qualquer modo, é a partir da situação posta pelo “passeio” proposto aos alunos daquela sala de aula que vemos a articulação de situações, lugares e pessoas do Rio de Janeiro retratado por seus fragmentos.

O “passeio” tem um custo: R\$ 6,50. A escola é pública mas não há verbas públicas para a saída ao museu. Isso fica a cargo das famílias dos alunos: os que arranjarem o dinheiro vão, os que não arrumarem ficam. Mas o que significa R\$ 6,50? Dependendo da camada da população em

que o personagem se insere pode ser muito ou nada. Para o aluno que mora na favela era muito. Para o patrão de sua mãe, nada. A partir da existência dessa diferenciação é que no discurso/imagens o jovem faz a comparação entre classes e lugares, que se articulam pela divisão social do trabalho. A mãe do jovem mora na favela e trabalha em edifício de classe média. Não se trata da existência de dois Rios de Janeiro, não são várias cidades em uma só cidade: é o Rio de Janeiro que se revela enquanto espaço de contradições sócio-espaciais, mas que ao mesmo tempo se articulam entre si.

A favela não é só o lugar da moradia dos trabalhadores, como a mãe do jovem. Ela tem outras dimensões na produção geral capitalista. É também espaço de comercialização de um produto moderno muito rentável, ainda que ilegal: as drogas. A partir de pessoas que moram na favela, mas que possuem o poder de controle da venda desse produto, temos uma rearticulação da vida e dos espaços da favela (VENTURA, 1994).

É na comercialização da droga que é possível ver novamente a articulação dos espaços (favela-bairro) e pessoas (traficantes-consumidores). Ainda que ilícita e nem sempre aceita na favela, esta atividade do tráfico de drogas, controlada pelos os traficantes responsáveis pela comercialização e controle da área, acaba por interferir na vida cotidiana dos moradores locais. No caso, o personagem Acerola, que nos minutos iniciais do episódio faz a apologia da vida na favela, até mesmo pela segurança que proporciona a seus moradores, sofre com a violência no próprio espaço de moradia. Ele é assaltado (roubam o dinheiro do passeio que havia conseguido com o patrão de sua mãe) e sofre agressão física, por não saber informar aos que lhe dominavam o paradeiro do traficante que controlava aquela parte da favela. Efetivamente a presença desse comércio naquele lugar atinge a todos, ainda que apenas alguns estejam diretamente a ele ligados.

A presença e a influência dos traficantes na vida das pessoas é muito forte. Mesmo que os moradores não queiram de modo algum estar a eles ligados, a vida cotidiana é invadida pela atividade do tráfico. Nessa ficção, o personagem Acerola é assaltado, por causa de informações sobre o

paradeiro do chefe do tráfico local. Assim, fica sem o dinheiro para o “passeio”. Novamente cenas e situações enfatizam a idéia de solidariedade entre os moradores. Seu amigo Laranjinha dá o dinheiro para o passeio. O problema é que o dinheiro era da avó de Laranjinha (que fazia pasteis para um boteco na favela), dado a ele para compra de seu remédio (segundo ela a falta do mesmo era a morte). Ao ceder o dinheiro ao amigo só podia agora comprar o remédio recorrendo aos traficantes, que o reembolsa após relatar que o “assalto” que sofrera dava indícios de uma tentativa de tomada do espaço, controlado pelo traficante, pelo grupo rival (do Mocotó).

No espaço de contato entre favela e rua ou mundo fora da favela, é que se estabelece a fronteira. Termo tão caro à geografia, a fronteira é “[...] um espaço não plenamente incorporado a sistemas estruturados e, por essa razão, potencialmente geradores de realidades novas. Representa indiferenciação, transgressão e conflito” (BECKER, 2000). No episódio, a fronteira é a área de contato entre os espaços diferentes: a favela e o mundo dos bairros; entre o não inserido e o inserido; os daqui e os de lá; lugares onde temos respectivamente a segurança dos que são chamados pelo tráfico e a segurança formal do Estado, representada pela polícia.

Mas na própria favela há outras fronteiras-espacos de conflitos pelo controle de acesso à venda de drogas. Nesse sentido, a favela se divide em duas: a do alto (área de controle do traficante Mocotó) e a de baixo (área de controle do Bebê), com a fronteira estabelecida no lugar denominado Bósnia. O nome da área queimada, fronteira entre as duas partes da favela, reforça a noção de conflito instaurado nesse espaço. É interessante notar que a escolha dessa denominação remete, ao mesmo tempo, a uma situação de conflito interno e internacional. O conflito da Bósnia só é conhecido pelos moradores por meio da imprensa (principalmente a televisiva), mas que se liga a uma disputa territorial entre diferentes etnias (croatas e sérvios). Na favela, o local denominado por Bósnia é a fronteira entre locais dominados por grupos de traficantes rivais. A luta entre esses grupos estava na disputa por uma faixa (passagem) para o asfalto, o que implicava na tomada de um espaço que a princípio era de controle de Bebê.

O espaço é importância estratégica para a atividade do tráfico. O controle por uma área que possibilite o acesso à via expressa, a rua, de modo a melhor comercializar o produto torna-se motivo de disputa entre grupos rivais na favela, fazendo que novas violências sejam impingidas aos moradores. Na guerra entre os grupos de tráfico existentes no local a liberdade de locomoção na favela deixa de existir e assim o direito de ir e vir desaparece. No episódio, Laranjinha mesmo com o remédio comprado não pode entregá-lo a sua avó já que não lhe é permitida a passagem para a parte de cima da favela, cujo controle é do grupo de Mocotó.

Se até aqui podemos discutir a articulação entre espaços e pessoas no Rio de Janeiro, pela divisão de trabalho e venda de drogas, é pela droga que se pode estabelecer a ligação da região com o exterior. A droga não é produzida no Rio e nem na favela. Boa parte dela é “importada” da Colômbia. A própria existência do comércio da droga só se faz pela relação existente entre o local e o global (ainda que de forma ilícita). Esse comércio só se estabelece por existir um consumo para ele, dado pelos chamados “playboys do asfalto” que vivem nos bairros de classe média. Logo, é impossível pensar na favela pela favela, sem a articulação com o restante dos lugares do Rio de Janeiro e com o mundial.

Ainda que ilícito, o tráfico de drogas insere-se no circuito produtivo capitalista e a droga se apresenta como uma mercadoria. Como os produtos convencionais, percorre toda as etapas do ciclo produtivo até se realizar: produção-circulação-comercialização-consumo. Articula lugares e pessoas em seu circuito produtivo e, em cada uma de suas etapas, promove o desenvolvimento de relações locais, com o entorno e exteriores à localidade. Se tomarmos as últimas etapas (comercialização e consumo) no Rio de Janeiro, temos que chamar a atenção para o fato de que tal atividade só ocorre, mesmo que ilegalmente, porque todos os componentes básicos do processo produtivo existem e, no caso do Rio de Janeiro, se realiza o consumo por meio da compra das drogas pelos habitantes das mais diferentes camadas da população que vive em bairros que se diferenciam pela predominância de um determinado poder aquisitivo.

A comercialização e o consumo das drogas fazem com que no local (a cidade do Rio de Janeiro) sejam engendradas novas relações sócio-espaciais que articulam não só as parcelas da cidade, mas também a Região metropolitana do Rio de Janeiro, o Estado como um todo, a região Sudeste e Brasil.

O professor poderia, nesse momento, ir para além da ficção, tomando o caso de Fernandinho Beira Mar como exemplo. Traficante capturado na Colômbia, enviado ao Brasil, preso no complexo Penitenciário de Bangu, Fernandinho continuou no comando do tráfico e, por extensão, de parte das favelas do Rio de Janeiro. A rivalidade de grupos pelo controle desse comércio poderia ser percebida desde os embates realizados na penitenciária, nos conflitos nas favelas, nas tentativas de controle das vias de circulação. Na tentativa de dismantelar o controle, durante parte de 2003, o traficante percorreu presídios pelo Brasil (interior paulista, alagoano, rondoniense) e em cada uma das localidades a população local manifestou o desejo de ficar longe do problema presentificado no traficante, mas que não é do Rio de Janeiro, nem do Brasil, é do mundo: é um problema global.

Em meio a essas relações e pela forma como isso envolve o cotidiano das pessoas que a escola torna-se o lugar das relações de possíveis mudanças, pela tomada de consciência. Na ficção, um aluno (o Acerola) questionado pela professora sobre o conteúdo trabalhado em aula, consegue explicar um fato histórico (o processo que leva a saída da família real portuguesa da Europa) utilizando-se das relações existentes no dia-a-dia da favela, deixando com sua explicação, que introduz o cotidiano permeado pelo tráfico nas relações dadas historicamente, muito palpável e compreensível o que a professora de história a dias tentava fazer sem muito sucesso com os alunos daquela sala de aula.

Muito mais relações podem ser destacadas no filme: ao final da explicação sobre a vinda da família real para o Brasil, o espectador tem a possibilidade de verificar as relações estabelecidas entre o discurso histórico e o vivido pelos moradores da favela. A fala da professora é a formal, discursando sobre a chegada do império português ao Brasil,

mas as imagens são do hoje, da vida na favela, do mundo capitalista, podendo-se metaforicamente comparar a coroa, o poder com o remédio³ e o poder de controle do espaço. Mais ainda: trata-se da ocupação de um espaço e a demonstração de quem o controla.

Antes de finalizarmos, gostaríamos de chamar a atenção para o cuidado com as imagens veiculadas pela televisão existente na residência de um dos personagens do episódio. Ao falar da violência, inicialmente a imagem de um videogame jogado por crianças (fato comum nos lares hoje) em um barraco na favela é a imagem que nos reporta para a questão. Na sequência, as mensagens apresentadas pelo telejornal que antecede a novela⁴ exibem imagens do conflito na Palestina, as quais os meninos-personagens chegam a relacionar com a violência vivida diariamente na favela pela guerra existente entre traficantes e destes com o poder público, representado em sua ação pela polícia. Nessa discussão, a violência não está em um lugar. Ela não é particular: ela se torna global, generalizada pelo mundo por meio das imagens transmitidas diariamente aos lares.

Essa é uma das perspectivas em que pode ser direcionada a discussão. Quando trabalharmos com regiões, devemos tomar o cuidado de alertar e perceber que não se trata do estudo do lugar pelo lugar, mas das articulações possíveis que se estabelecem e vinculam os lugares a um todo que se manifesta nas mais diferentes escalas. Não podemos nos esquecer que a realidade é muito dinâmica e suas alterações são muito

³ A grande vitória conseguida por Acerola e seu companheiro Laranjinha é conseguir levar o remédio à avó de Laranjinha que morava no alto do Morro (área que durante a disputa espacial entre os traficantes e interdita aos não moradores daquele pedaço) pela reconquista espacial do grupo de traficantes liderados por Bebê. Na comparação do episódio a coroa e o remédio são análogos, bem como os navios ingleses que fazem a escolta da coroa portuguesa são comparados aos quatro traficantes que fazem parte do grupo de Bebê.

⁴ Ainda que não haja logotipos e que não se possa identificar o telejornal, as mensagens e falas da cena – a mãe perguntando se já começou a novela e a imagem de notícias sendo veiculadas por um telejornal, induzem a que pensemos no horário nobre da rede Globo, que possui essa estrutura: a partir das sete horas da noite, de segunda a sábado, temos a sequência de telejornal local, novela, telejornal nacional, novela.

aceleradas, acompanhando o ritmo impingido na e pela sociedade urbana, que tem sua grande manifestação nos espaços das metrópoles, que se apresentam fragmentados, mas interligados ainda que de modo conflituoso. Neste sentido, o ensino deve acompanhar este processo de transformação, procurando, a medida do possível, ajudar a compreender a realidade que apresenta tendências dos processos globais, mas que se realizam localmente, por isso a análise do cotidiano da vida dos alunos e da escola é fundamental para iniciarmos o processo de discussão que procuraria articular esse particular com o mais geral.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Berta K. O Brasil e a geopolítica mundial: Brasil-Tordesilhas, ano 2000 in IBGE. *Atlas Nacional do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. São Paulo. Contexto. 1992.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- GOLDENSTEIN, Lea; SEABRA, M. F. G. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização. *Revista do Departamento de Geografia*, 1, São Paulo: FFLCH/USP, 1982.
- IBGE. *Atlas Nacional do Brasil*, 3. ed. Rio de Janeiro, 2000.
- LACOSTE, Yves. A quoi sert le paysage? Qu'est-ce qu'un beau paysage? In: ROGER, Alain. (sous la direction) *La théorie du paysage en France (1974-1994)*. Paris: Éditions Champ Vallon, s/a. p. 42- 73
- LENCIONI, Sandra. Região e geografia: a noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana F. A. *Novos rumos da geografia*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 187-204.
- OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma re(li)gião*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SILVA, Roberto Theodoro. *Das telas para a sala de aula: televisão e vídeo no ensino de História*. São Paulo: FE/USP, 2002 (Dissertação de mestrado).
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Filmes

Cidade de Deus, direção de Fernando Meireles, 2002.

Vídeos

Cidade dos homens, episódio "A coroa do imperador", dirigido por César Charlone, 2002, 31 minutos.